



ENTREVISTA

O ENSINO DE MAORI NA NOVA ZELÂNDIA: ENTREVISTA COM O PROFESSOR HONE MORRIS

Carlos A. Tavares Jr¹

RESUMO: o presente trabalho se constitui na entrevista com Hone Morris, professor do curso de Maori na Escola de Humanidades da Massey University. Com a utilização da metodologia qualitativa, serão sublinhados vários aspectos sobre como o idioma (Te Reo) maori passou da esfera oral para o escrito, bem como o surgimento de ferramentas para o Pukenga Reo (habilidade linguística), com o objetivo de tornar o idioma nativo (indígena) acessível e ensinado em escolas na Nova Zelândia.

PALAVRAS-CHAVE: *Brasil - Nova Zelândia. Idioma nativo (indígena). Ensino de idioma. Maori. Comunicação.*

ABSTRACT: The following paper consists in an interview with the Hone Morris, associate professor at Massey University's Humanities Maori course. By the using of qualitative approach, we will deal with the way that Maori Language (Te Reo) had been worked with language skills of Pukenga Reo as an effective tool, enabling a way that the maori language could be accessible and taught at New Zealand from the primary schools.

KEYWORDS: *Brazil - New Zealand. Native (indigenous) Language. Language teaching. Maori. Communication.*

¹ Pós-doutorando da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Mestre e doutor em Ciências da Comunicação (PPGCOM-USP). E-mail: carlostavaresjr@alumni.usp.br

Introdução

Respeitado de maneira ímpar, o Professor-Associado do curso de Maori da Faculdade de Humanidades da Massey University, Hone Morris, desde o âmbito acadêmico perpassando várias comunidades maori (Iwi), inclusive as rivais, cujas palavras que se referiam a ele eram *awesome guy* (pessoa incrível) bem como o trabalho desenvolvido para o ensino do idioma nativo da Nova Zelândia possui características distintas pela conciliação.



A entrevista com o Professor-Associado da Massey University, Morris se dedica a habilitação em Maori (Te Kunenga ki Pūrehuroa). Uma das principais características se deve ao reconhecimento de Morris, respeitado e reconhecido em tanto nas comunidades (Iwi) maori como pela atuação acadêmica. No âmbito das comunidades, incluindo-se Iwis rivais em um mesmo território, seu trabalho distingue-se pela conciliação. A gravação foi realizada antes da pesquisa de campo no segundo semestre de 2022 por meio do recurso de gravação digital do Google Meet, em 29 de março de 2022, antes da pesquisa de campo, ocorrida na Nova Zelândia entre julho e agosto.

166

A entrevista

Com o objetivo de buscar manter a máxima coesão possível, a entrevista contou com a contratação do serviço de transcrição de vídeo com a empresa Gama! Traduções e Interpretações no mês de abril de 2022, principalmente pela dificuldade em se criar outra oportunidade de gravar registros com qualidades melhores se tornam relativizadas devido à latência da rede, cujo resultado apresentou falhas e intermitências durante a fala e uma remarcação se tornaria difícil por causa dos eventos de comemoração do

cinquentenário do idioma maori como disciplina curricular no ensino fundamental da Nova Zelândia.

Hone Morris (2022) aborda como os estudos de maori tiveram início:

Em 1987, a língua maori foi reconhecida como idioma nacional [da Nova Zelândia]. Antes disso algumas pessoas começaram a ensinar [para seus filhos pequenos] e era confuso e haviam poucos lugares que ensinavam maori. Na década de 1970, algumas pessoas começaram a ensinar o idioma em suas casas e acredito que também para atividades da mesma característica. [Para compreender o processo] temos que voltar para a década de 1800, especificamente com o início em 1815. Quando começou, era Samuel Lee que veio à Universidade e trouxe líderes maori para a Inglaterra e lá criaram o alfabeto maori. Eles traduziram a Bíblia em maori. Em 1842 os primeiros jornais [escritos em] maori começaram a circular. Isso ocorreu depois, porque o Tratado de Waitangi, ocorreu em 1840

O Tratado de Waitangi, considerado pelos historiadores neozelandeses como o primeiro documento multicultural, consiste em um acordo que reconhece a autogovernança dos maori aos líderes, cuja obediência não provinha de ordens, na época, da rainha Vitória, o idioma inglês não seria imposto e apesar de contar com a adesão de muitos líderes, não foi assinado unilateralmente porque haviam Iwis e lideranças que discordavam com os temas acordados. Ainda no século XIX, Morris (2022) menciona:

Com o jornal se deu a oportunidade do Te Reo [o idioma] Maori para eles se comunicarem em sua língua. Então, depois de 1920, creio que os jornais que já circulavam e havia quem escrevia inteiramente em Te Reo Maori e então, as pessoas começavam a falar sobre os problemas e desafios que os maoris enfrentavam, isso desde 1842. Então, eles entenderam que o governo daquela época, após a assinatura do Tratado de Waitangi, não era cobrada multa e não haviam boas escolas que o maori era falado. Então foi assim que as regras surgiram e sobrevivemos [desta forma] até 1900. Eu acho que a principal coisa ocorreu foi no início de 1900, quando nossos anciãos tentaram aconselhar os jovens não falarem em maori – havia até uma cidade que isso ocorreu e daí eles disseram “bem... não falamos em maori muito bem, mas...” – dessa forma, primeiramente se aprendia inglês e começaram a dizer “espere! Sabe, quando eu comecei a falar maori, comecei a falar errado”.

O alfabeto maori catalogado se consiste em 15 letras de caracteres latinos, das quais os dígrafos indicam uma consoante que não possui correspondência na pronúncia do inglês: *wh* indica uma pronúncia labial, algo entre o *f* e o *v*; enquanto *ng* indica que a próxima vogal grafada possui som anasalado. O único sinal gráfico existente, o macron (¯) pode ser indicado nas 5 vogais para se assinalar uma vogal aberta. Nesse caso, maori possui a pronúncia *máuri*, ao invés de se pronunciar o *a* duas vezes, da forma errada “maori”. Também se destaca o *r* como uma letra cuja pronúncia se diferencia do inglês com o som próximo do *r* português entre duas vogais. Hone Morris (2022) também aborda como ocorreu o ensino de maori nas escolas:

Em 1920, [Sir] Apirana Ngata, um político muito conhecido, da [região eleitoral da] costa leste, da cidade Te Araroa, ele começou a fazer muitos esforços e o idioma maori era apenas ensinado em algumas escolas particulares, não era ensinado nas escolas públicas. Em 1924, o maori tornou-se um idioma [do curso de Letras] para formar bacharel em artes em uma universidade da Nova Zelândia, que ficava em Auckland. Esse curso começou em 1951. E então, em 1924, o Maori se tornou uma Unidade de Língua para o Bacharelado em Artes na Universidade da Nova Zelândia, que era em Auckland, em 1924. Então foi quando eles começaram nas universidades. E então, durante a guerra, eles usaram a língua maori para recrutar maori, e em 1939 eles tiveram um batalhão na guerra, e sua língua foi perdida pelos soldados que morreram durante o combate. Então eles começaram, como eu disse, em 1951, no Auckland University College a ensinar Te Reo Maori, em 1951, pela primeira vez. Já, em 1953, acho que apenas 26% das crianças nascidas maori falavam Te Reo Maori, em 1953. Mas em 1952 havia um levantamento diferente de Henry Williams, um professor da Nova Zelândia, você vê isso? Aquele livro em 1957 é a sexta edição, e então a partir dessa época, na década de 1960, havia o relatório Hunn, apontando a língua maori em declínio. E aí quando começou a TV, foi na década de 1960, era tudo em inglês, tá? Só, em 1963, houve uma série de programas em Te Reo Maori transmitidos no rádio. Então, em 1959, foi publicado um livro sobre a língua maori. Mas a principal [publicação que estimulou a] confiança para a revitalização do Te Reo Maori, creio que foi na década de 1970, quando tínhamos um grupo de rapazes e moças em Auckland.

Entre as décadas de 1950 e 1970, a contribuição maori no inglês falado na Nova Zelândia ainda não seria comparável com as contribuições de palavras de Tupi Antigo,

ao português falado no Brasil ao ajudar a consolidar uma maneira diferente de se falar, por vezes, confundido como dialeto, embora se tratasse de uma vertente de identidade nacional do idioma dos colonizadores falado no país em questão, nesse caso especial, a Nova Zelândia. Morris [2022] esclarece:

Eu sei se você ouviu falar do Grupo Nākamatowa, mas eles começaram a reivindicar ao governo [neozelandês] para introduzir a língua maori nas escolas. E então a população era bem pequena, só 10% da população era maori. Não até 1972, isso é o principal, quando os Nākamatowa apresentaram uma petição com 30.000 assinaturas ao governo, uma petição em língua maori, em 1972, e em 1973 eles fizeram um relatório e foi então que eles começaram realmente a ter que abordar medidas para reviver a língua maori. E aí começaram todas as faculdades de professores, sete faculdades de professores naquela época, começaram a dar cursos de estudos maori. Então, em 1975, eles fizeram uma coisa chamada “Semana da Língua Maori”, eles dedicaram uma semana para praticar a língua Maori e reviver o idioma. E depois em 1975... Em 1978... Não em 1975 [mesmo], a primeira escola bilíngue. Tínhamos uma escola, era em Bay of Plenty, um local de ensino quando começamos uma escola bilíngue, a primeira na Nova Zelândia.

169

A importância da Semana da Língua Maori mostrou-se efetiva, por exemplo, na emissora de caráter universitário, a Radio Active (88,6 FM) de Wellington, que realiza cursos de Te Reo Maori para os seus locutores e durante esses dias, a programação torna-se temática, desde a fala até os blocos musicais exclusivos em maori. O professor Hone Morris (2022) detalha como esse processo se desenvolveu a partir da acessibilidade proporcionada pelo ensino:

A escola bilíngue [em questão] começou a ensinar nos dois idiomas, inglês e maori. Daí a língua maori se tornou uma língua oficial [curricular], em 1981. Desde a primeira vez que eles introduziram o maori, eles levaram 6 anos antes até quando realmente isso aconteceu. E então, em 1982, eles chamaram de ninhos de idiomas, Kohanga Reo, onde o primeiro Kohanga Reo foi aberto em Wellington, onde crianças pequenas eram ensinadas, apenas para serem capazes de andar e falar, essa foi a primeira língua ninho [destinadas a um público jovem de Jardim de Infância]. Foi aí que a gente realmente começou a onda da revitalização, em 1982. Em 1983 eles abriram uma estação de rádio, que é Te Reo o Pōneke (a voz de Wellington)

[produzido na Victoria University]. E então algumas outras universidades, universidades Maori, abriram, naquela época. Então em 1985, porque depois de 4 anos eles tinham o Te Kōhanga Reo, esses graduados que falavam maori fluentemente, então eles tinham que ter escolas e eles começaram a criar escolas, escolas Kaupapa, o que nós chamadas escolas de filosofia Maori, em 1985. Então a partir disso, a partir de 1982 começou o ninho de idiomas, e para atender aqueles que estão saindo disso, como ninhos de idiomas para jardins de infância ou escolas de primeira infância, eles tinham escolas de filosofia Maori. E então, é claro, tivemos o Tribunal de Waitangi, que procurou corrigir os tempos sob o Tratado de Waitangi, quando houve muitos abusos e perda de terras, e naquele estágio, é claro, houve um momento de mudança na Nova Zelândia, chamado Nao Te Aotearoa. E então a escola Kaupapa foi reconhecida e, desde então, criamos, em 1987, quando a língua maori [se tornou idioma nacional] oficial e então desta vez, eles tinham as escolas especiais, onde as pessoas poderiam frequentar por uma semana inteira, onde você iria aprender e falar a língua maori, dia e noite, por 7 dias. E foi assim que vários jovens começaram a ser muito fluentes, e agora temos alguns, acho eu, alguns falantes fluentes de vez em quando ... E então na TV você pode ouvir Te Reo Maori sendo bastante falado. Então, para mim, nós tínhamos 87 escolas de educação infantil, e a próxima etapa, as universidades e as [emissoras de] rádios, e então apareceu a emissora de TV. Em 1984, acho que eles diziam [sobre] cerca de 10 mil falantes fluentes. Agora, não tenho certeza, foi em 1994, então em 1997 tínhamos 32 mil alunos na educação maori e 55 mil aprendendo Te Reo maori. Isso foi na década de 1990 e ficou cada vez mais forte. E eu acho que realmente, podemos dizer que [o idioma maori] está em uma posição forte no momento.

Da mesma forma que o Brasil teve a presença dos missionários jesuítas, em especial Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, ao criarem o dicionário de Tupi Antigo, cuja referência até hoje perdura, mesmo com a extinção do Tupi Antigo, cuja vertente mais próxima falada na atualidade corresponde ao Tupi-Guarani em meio a uma miríade de idiomas nativos derivados de quatro troncos linguísticos diferentes falados no Brasil. Outro exemplo notável remete à criação de um alfabeto indígena do povo Cherokee, nos Estados Unidos, quando da elaboração, a escrita deles surgiu em caracteres idealizados e desenhados por eles. A dinamização da língua falada pelos maori também teve semelhanças e Morris (2022) explica tais peculiaridades:

Quando você me contou sobre os indígenas terem a transferência de conhecimento por meio de histórias, oralmente, em oposição à escrita. Bem, [aqui] tivemos sorte porque a partir de 1815, quando Samuel Lee levou os dois chefes para a Universidade de Cambridge para criar o alfabeto, isso foi realmente refinado agora e é muito fácil de

registrar pela escrita. Nossos ancestrais foram muito rápidos em aprender a escrever, e alguns deles foram capazes de falar em vários idiomas em um curto período de tempo. Mas antigamente a maneira tradicional de transmitir seu conhecimento [maori] era através da oralidade: os jovens eram selecionados de diferentes grupos sociais e eram levados e aprendiam conhecimento esotérico, conhecimento espiritual, e eles se tornavam uma espécie de detentores desse conhecimento. Isso foi [em período] pré-europeu [anterior à colonização]. Então, quando os europeus chegaram, se não quando chegaram os primeiros, tivemos a sorte de ter alguns [colonizadores] que eram bons em registrar a história, então conseguimos reter muito da história, especialmente, através desses registros. Então, [nesse aspecto] tivemos sorte. Quanto à estrutura [linguística]... Bem, o Te Reo Maori, foi criada por um padre chamado Cliff Ballard, e agora podemos interpretar, para aqueles de nós que como eu, quem realmente ama línguas, é capaz de manter a língua de uma forma estruturada. Mas oralmente, posso dizer que, falando oralmente, posso fazer as duas coisas, e muitos de nós podem transmitir isso oralmente e por escrito. Então, nesta fase, acho que foi no início dos anos 1990 quando as primeiras teses, de doutorado, foram escritas e traduzidas para o maori. Agora temos mais de 200 teses escritas, teses de doutorado, escritas em Te Reo Maori. Enquanto originalmente, na década de 1950, tínhamos [apenas] os diários escolares que foram criados e totalmente escritos por maoris, então pegamos muito de nossas origens e muitas de nossas memórias tradicionais de toda a Nova Zelândia foram registradas. Mas há alguns que ainda não [o] foram, e ainda estão vivos! Então, você pode ir a alguns lugares e ouvir histórias que você não está vendo na forma escrita, porque elas ainda estão no conhecimento oral.

No bojo das ferramentas de preservação da identidade, o idioma Maori ocupa um lugar especial não apenas nos topônimos, mas na utilização de palavras híbridas, como por exemplo a palavra *Whanau*, palavra utilizada para se referir à família ou mesmo *Kai*, que significa comida. Hone Morris (2022) explica como os não maoris [Pākehā] incorporaram esses elementos no inglês falado na Nova Zelândia:

Sim, esse é um tópico muito bom: inicialmente, houve muita resistência da população mais ampla dos idosos aqui na Nova Zelândia para as pessoas que falavam maori, e as pessoas eram discriminadas por falar, tivemos uma situação em que uma senhora maori recebia pessoas em maori, e houve um grande incidente. E ela se tornou, ela se tornou uma figura de referência muito forte agora para os Maori. E agora que está lentamente se tornando aceito, as pessoas perceberam que [o maori] não vai desaparecer, o legal disso é que muitos nomes de lugares são dados, estão sendo lembrados e estão voltando para o nome original do lugar, o nome Maori, e muitos

projetos históricos estão revitalizando lugares onde os assentamentos maori estavam e estão se tornando locais turísticos, onde as escolas agora levam as crianças a esses locais históricos e aprendem sobre a história real da terra. Considerando que antes só aprendíamos do ponto de vista inglês, agora as pessoas percebem que há uma bela história, história maori, na terra, e eu estive envolvido com alguns projetos no maori, nós participamos de quiosques educativos onde as crianças em idade escolar podem ir e aprender tanto a história Maori, informações científicas sobre água e sustentabilidade, quanto a revitalização ambiental, cuidando do meio ambiente. Portanto, agora há muita aceitação não tanto do idioma, mas mais sobre o conhecimento maori, a perspectiva maori e até certo ponto, agora você ouvirá isso o tempo todo na TV; a maioria das pessoas sabe o que é comida e família. Você ouvirá muitas pessoas usando palavras em maori em conversas particulares.

Apesar do fato que povos indígenas possuírem semelhanças, a principal característica se encontra em particularidades, por muitas vezes, associadas a um local específico. Por exemplo, no museu Te Papa (traduzido como: O Chão) em Wellington possui a mostra maori com acesso a recursos hipermidiáticos, como um *dial* conectado a um painel para exemplificar a tipicidade da cultura, como o período de pesca não coincidir com as fases da Lua. A partir desse registro, faz-se necessária a menção do clima neozelandês possuir características como os corredores de vento em torno das duas principais ilhas que formam a Nova Zelândia e o período chuvoso ocorrer durante o inverno, na mesma época e período no Hemisfério Sul, quando o inverno no Brasil apresenta um período marcado por seca. Por motivos locais, o povo maori possui um registro típico, cuja época de entrar na canoa para pescar não ocorre em plena Lua Cheia. Hone Morris (2022) explica como as particularidades neozelandesas têm registro marcado pelo povo maori e alguns conhecimentos tornam-se disponíveis durante o período escolar:

Eu acho que temos uma leva muito forte de estudiosos que falam Te Reo Maori e que estão pesquisando Te Reo Maori, como alguns antes, agora nas escolas que usamos para ensinar a língua maori, todo o currículo, o currículo escolar ensinado em Te Reo Maori, em vez de apenas ir à escola para aprender o idioma, os alunos agora podem ir e aprender ciências, matemática e todas as atividades curriculares em Te Reo Maori. Portanto, aqui, onde agora temos graduados da escola secundária, da escola maori, que são muito, muito fluentes e muito conhecedores de astronomia, tudo do ponto de vista maori. Então, esse conhecimento não está sendo perdido da pesquisa, então, definitivamente é muito mais aceitável, a língua maori, porque não vai acabar [e], as pessoas sabem que não vai acabar, e também percebem:

“Uau, há muita beleza nisso como e [portanto é um] belo conhecimento [aprendido e ensinado] no mundo maori”.

Morris (2022) também aborda como algumas práticas culturais maori se incorporaram ao cotidiano neozelandês, como por exemplo a dança de guerra, Haka, realizada pelos jogadores da Seleção de Rugby antes do início das partidas. O que antes fazia parte de um ritual de hostilidade antes do enfrentamento de Iwis beligerantes fora absorvida como um elemento de enaltecimento da competição de partidas esportivas:

Acho que vamos encontrá-la [as práticas] agora, especialmente nos esportes aqui. Também, descobrimos que muitas de suas equipes esportivas fazem o que chamamos de Haka, antes de começarem suas competições, e muitos esportistas agora. [Até] celebridades, falam Te Reo Maori. Temos alguns filmes lançados que foram muito significativos [marcados pela cultura maori]. No Festival de Veneza, houve um e foi traduzido inteiramente em Te Reo Maori, e isso ótimo meio para promover o Te Reo Maori. Então nós temos, acho eu, que O Te Reo Maori agora está em todos os meios de comunicação, então [por conseguinte em] toda a comunicação. Temos dicionários online, temos aplicativos para que as pessoas aprendam o idioma, vejam os termos do ponto de vista maori. Então [a influência maori na sociedade neozelandesa] é muito forte!

173

No entanto, a simplicidade merece ser considerada como um aspecto facilitador e Morris (2022) explica porque o processo neozelandês ocorreu de maneira mais rápida e aparentemente diferente dos idiomas indígenas falados no continente americano:

Quando falamos de diversidade cultural, temos sorte de sermos uma nação pequena, não como a América, um lugar enorme, e aí é mais difícil, com [a existência de muitos de] os dialetos diferentes, tão parecido com o Brasil, mas a língua materna aqui é uma. Temos uma única língua maori, mas temos diferentes dialetos dentro dessa língua, mas podemos nos entender. Para certas palavras, temos seis pronúncias diferentes da palavra para “ouvir”, por exemplo, seis pronúncias diferentes. E, a propósito, quando as pessoas pronunciam, você sabe de onde são, se são da Ilha Sul, se são da costa oeste ou leste, ou do lado norte. Nós temos diversidade cultural e mesmo agora, temos em nosso Parlamento, membros que falam Te Reo Maori, e quando eles falam, precisam ser traduzidos em tempo real. Assim, as pessoas que estão ouvindo as sessões podem ouvir o que os

[legisladores] maoris estão dizendo, porque está sendo traduzido mesmo que eles falem em maori. E como você vê na TV [existem] as legendas, agora temos programas onde não há legendas, você tem que saber Te Reo Maori para poder entender.

Enquanto o período colonial já chamou o Brasil de Vera Cruz e Terra de Santa Cruz, curiosamente não existe menção em Tupi Antigo sobre o nome com que o povo tupinambá, da costa litorânea brasileira, catequisados, se referiam à nação que residiam durante o período de contato com os missionários que desenvolveram o dicionário. Curiosamente, qualquer tentativa de menção à urgência da valorização do idioma indígena esbarra na existência de povos em diáspora, cujas referências nativas não existem mais e a estratégia do sincretismo em torno de uma identidade própria lhes aparenta dois caminhos: a recusa dos indígenas ao se unirem como uma única etnia híbrida contribui para o desaparecimento de idiomas e povos nativos, ou a uma generalização ilustrada de um *complexo de Policarpo Quaresma*, personagem fictício do escritor e jornalista Lima Barreto, publicado em 1911, sobre um personagem de âmagô patriota encontrando nas culturas indígenas as referências nacionais perseguidas para sustentar suas utopias.

174

Entretanto, na atualidade, não apenas o povo maori continua a chamar o país de Aotearoa (Terra da Neblina Branca), mas no cotidiano, o termo se encontra incorporado ao inglês falado na Nova Zelândia. O professor Hone Morris (2022) comenta que algumas dificuldades ocorreram desde o século XIX para preservar o idioma maori e a criação de um conjunto léxico normativo para o idioma e, apesar de algumas semelhanças, o processo mostra-se facilitado pela simplicidade e o fato de não existirem outros troncos linguísticos diferentes e concomitantes:

Isso é parecido com o caminho que a língua maori percorreu, com pré-europeu, semelhante ao pré-português [relatado por você no Brasil], as comunidades eram prósperas, tinham uma língua própria, uma cultura própria. A diferença entre nós é que nós, claro, conseguimos revivê-lo através das escolas de idiomas e agora ele está totalmente imerso na vida da Nova Zelândia. Agora nós vamos sobreviver e mesmo que as pessoas falavam na Nova Zelândia, Aotearoa, essa é a palavra “sobrevivência” entre eles. Então seria bom pensar que as línguas brasileiras podem sobreviver apenas seguindo o caminho que os

maoris seguiram para reviver nosso idioma, tendo-o em estações de rádio, estações de TV, escolas ou ensinando através da Universidade Maori. Portanto, temos sorte. Então, eu acho que Aotearoa Nova Zelândia é um bom exemplo para ajudar as línguas indígenas, como revitalizá-las e permanecer, e assim deixando-as vivas.

Muitas grandes reuniões seguem a cultura Maori, para saudações quando você é bem-vindo [nau mai haere mai]. Fazemos nosso Powhiri [prece] e abrimos e encerramos as reuniões com orações maori, ou Karakia, como chamamos. Na verdade, não [se tratam de] orações, mas encantamentos. Você descobrirá que no governo, todos os departamentos do governo, quando têm grandes reuniões, seguem a cultura maori, na abertura e no encerramento. Isso é muito significativo! Houve uma mudança cultural bastante significativa, de Aotearoa se tornar a Nova Zelândia para se tornar Aotearoa novamente. Isso é o melhor que posso dizer. Então, Aotearoa mudou para Nova Zelândia, e agora está voltando para Aotearoa. Também existem muitas pessoas da Ilha do Pacífico morando aqui, que migraram de Samoa, Fiji, Vanuatu e Niue; temos populações bastante grande desses grupos étnicos na Nova Zelândia. Mas todos eles falam sua própria língua. Acho que há mais pessoas niueanas na Nova Zelândia do que em Niue. Então, nós também não somos essencialmente maoris. Nós promovemos o reconhecimento e reconhecimento dos maoris de todas essas diferentes variações culturais, e os apoiamos a manter suas próprias línguas.

Algumas considerações

Em grande parte, os esforços de preservação do idioma maori compreenderam a elaboração de normas léxico-gramaticais e mesmo com a utilização de letras do alfabeto latino, uma vertente escrita e lida passou a integrar o universo maori. Em um período de 220 anos, a revitalização dessa língua teve um papel fundamental na contribuição da realidade multicultural existente na Nova Zelândia.

Já em comparação com mais de 500 anos de história, o Tupi Antigo deixou de ser falado e ao mesmo tempo, surgiram quatro troncos linguísticos distintos como Tupi-Guarani, o qual originou o idioma Kaiowá, além dos idiomas nativos que não possuem intercambialidade linguística com Aymoré, Yanomomö e Inã (Carajá). Se o Brasil optar por percorrer o caminho do idioma maori na Nova Zelândia, emerge-se a necessidade do reconhecimento de que a recusa do sincretismo entre etnias diferentes se trata de um foco de resistência dos povos em favor de sua própria cultura. Tal tarefa se torna mais

difícil e desafiadora diante da realidade neozelandesa: ao invés de um único idioma, os povos indígenas do Brasil constituem etnias e culturas distintas.

A tarefa mais urgente seria permitir que além do português, os idiomas indígenas fossem permitidos no rádio e na contemporaneidade não se trata do utópico estigma de Policarpo Quaresma, pois envolve um reconhecimento mais amplo ao invés do isolamento a situação jurídica possa proporcionar melhor integração para superar o embate dos indígenas serem reconhecidos como brasileiros e não como estrangeiros, uma vez que eles habitavam o país há milhares de anos antes do período de colonização europeia. De imediato, também implicaria na ampliação da História nacional, cuja chegada de europeus não se trata de uma *descoberta* ou *início* de registros civilizatórios em meio a um conteúdo multifacetado e multiétnico: do ponto de vista dos povos originários, assim como os maoris abordam uma era pré-europeia, a colonização e o atual processo da legalidade do multiculturalismo.

Desta maneira, o processo da Aotearoa pré-europeia se transformar na colônia Nova Zelândia até ressurgir como Aotearoa contemporânea fornece indícios de que um processo decolonial fora possibilitado, ao invés da omissão e apagamento de histórias indígenas no Brasil.

Referências

BHABHA, Homi K. "Postcolonial criticism." In: **Redrawing the boundaries: the transformation of English and American literary studies**. Ed. Stephen Greenblatt and Giles B. Gunn. New York: Modern Language Association of America, 1992..

BARRETO, Lima. **O triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: Companhia das Letras/Penguin: 2011.

CUSHMAN, Ellen. "The Cherokee Syllabary: Writing the People's Perseverance". Chapter 8 – **Peoplehood and Perseverance: The Cherokee Language, 1980–2010**. Oklahoma: University of Oklahoma Press, 13 September 2012.

MATSUURA, K. **Investing in cultural diversity and intercultural dialogue:** UNESCO world report. Luxemburg: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, 2009.

UNIVERSITY OF OTAGO. “Karakia (Prayers)”. In: Te Reo Māori. Disponível em: <https://www.otago.ac.nz/maori/world/te-reo-maori/karakia-prayers/>. Acesso em 05/12/2022.

PENETITO, Wally. **What’s Maori about Maori Education?** Wellington: Te Herenga Waka University Press, 2015.

Documento audiovisual

TAVARES Jr, Carlos. **Entrevista com o Professor Hone Morris.** Realizada em 29 de abril de 2022. Revisão e transcrição de Gama! Traduções e Interpretações (Julio Trevisan). 1 arquivo MP4 (78 minutos).